

Resenha

THE CRISIS OF GLOBAL CAPITALISM (*Open society endangered*)

George Soros, Public Affairs,
BBS, New York, 1998.

"I have no hesitation, however, in asserting that the global capitalist system will succumb to its defects, if not on this occasion then on the next one – unless we recognize it is defective and act in time to correct the deficiencies". George Soros

Nada obstante a atual pressão ideológica para a legitimação histórica de um dos princípios basilares do neoliberalismo – o livre exercício dos interesses individuais é a melhor garantia de satisfação dos interesses coletivos – não é por essa senda que caminha o autor, a um só tempo ideólogo empenhado em salvar o capitalismo, magnata e figura de destaque nos círculos do capital financeiro internacional.

George Soros, mega-empresário das finanças e filantropo com dimensão mundial, nasceu em 1930, em Budapeste, na Hungria. Aos 17 anos migrou para a Inglaterra premido pelo contexto do Holocausto. No mundo dos negócios, sua notoriedade se deve à rapidez com que formou seu imenso patrimônio. No mundo das idéias, além de crítico do marxismo, estuda e leva à prática – ora ampliando, ora corrigindo – os ensinamentos de Karl Popper, filósofo inglês nascido na

Áustria (1902-1994), um dos expoentes do atual racionalismo crítico.

Em vários momentos, *The crisis of global capitalism* adverte-nos contra os sérios riscos de desagregação social inerentes à atual configuração do capitalismo, que o autor etiqueta de 'fundamentalismo de mercado'. A tese do livro é a de que o mundo capitalista configura uma 'forma imperfeita' de sociedade aberta, em conformidade com a formulação de Karl Popper. Imperfeita, porque no mundo capitalista, uma prática política legitimada pelo substrato cultural escravagista, colonialista e imperialista, quando não etnocentrista, a que se junta uma insuficiente rede de instituições internacionais democráticas, cria o contexto para a permanente presença da guerra, para a existência do terrorismo genocida, para a concentração da riqueza e a generalização da pobreza, para a depredação do patrimônio ecológico, o derruir dos valores éticos, a estigma-

tização e desvalorização do trabalho, a difusão de comportamentos autodestrutivos – as drogas, enfim, a “pirataria” especuladora inerente ao capital financeiro chamado “errático”.

Nada obstante, para o autor as imperfeições da sociedade capitalista poderão ser superadas, se o conceito de *open society* for melhor compreendido. Sem a compreensão do conceito, nela incluído todo o instrumental corretivo de aplicação coercitiva nos níveis nacional e supranacional, seguramente estaremos em marcha para o Armagedom.

Uma viagem em busca do conceito de “open society”

A base de sustentação dos argumentos Popper-Soros é epistemológica, na medida em que o autor e seu filósofo, refletindo sobre a ciência, trabalham com critérios de validação do pensamento. A realidade não é dada, mas construída pelo pensamento que, paradoxalmente, não tem como afirmar, objetivamente, que ‘realidade’ é o que se põe diante de si, mesmo porque realidade é um conceito, criação do pensamento a partir dos sentidos, por sua vez falíveis. Desse modo, a realidade construída pelo pensamento se mantém permanentemente superando e surpreendendo o seu criador. Para o autor, como para o racionalismo crítico, a descrição do mundo é sempre metafórica, contingente, um esboço imperfeito, passível de eterno aprimoramento. Uma grossa placa de aço pode levar a crer que a matéria é contínua. O bombardeamento da mesma com raios-x mostra que é constituída de partícu-

las separadas entre si. Sem distorções, é impossível formar um quadro do mundo. Nosso pensamento pertence ao universo em que aprendemos a pensar... e pensamos. Conseqüentemente, a práxis que se baseia nessa imperfeita reprodução da realidade sofre de imperfeição estrutural, marcando-a a falibilidade.

Nessa linha, o autor aceita, com as reservas cabíveis, o critério *verdade/falsidade* como derivado da correspondência, ou não, entre o enunciado (*statement*) e o fato. Mas há discursos que se referem a fatos do mundo exterior, e há discursos que se referem a si próprios ou a outros discursos. Para o primeiro tipo, corresponde a classificação verdadeiro/falso. Para os que se referem a si próprios ou a outros discursos, não cabe essa classificação. Por ter como referente uma criação do mundo simbólico-formal construído por interação e consenso mental, opondo-se ao mundo objetivo, o enunciado que aponta para si mesmo repele a classificação *verdade/falsidade*. A afirmação “O Sol está a pino” é passível de comprovação. O mesmo não ocorre com o silogismo (aqui expresso em sua premissa maior) “Todo filósofo cretense é mentiroso”, citado pelo autor, na medida em que, ao nos encaminhar para um truísmo, questiona o valor de nossas afirmações. Como argumenta o autor, se, por um lado, todo filósofo cretense é mentiroso, aquele que faz a afirmação necessariamente o é, abrindo a possibilidade de haver um filósofo cretense verdadeiro. Por outro, se a premissa menor for “João é filósofo cretense”... a conclusão é que João é mentiroso,

não é filósofo, sendo negada a premissa menor.

Entre outras ilações, para o autor as ciências que estudam o fenômeno social não podem usar do instrumental metodológico próprio às ciências ditas da natureza, uma vez que aquelas têm por base enunciados cuja correspondência antes de se dar com a realidade objetiva, encaminham-nos para o mundo do discurso. O necessário cotejo entre o enunciado expresso e o mundo de idéias de que procede caracterizaria a “reflexividade”, pela qual fica excluído o critério verdadeiro/falso, já que aqui o enunciado é derivado e afetado pelo universo do discurso, o qual, através dessa reflexividade, é por sua vez afetado e transformado pelo enunciado.

No ensinamento “Abençoados os pobres, pois deles é o reino dos céus”, a reflexividade determinaria uma permanente tensão dialética entre o discurso e seu universo, a cultura, e entre esta e o enunciado. De um lado, a pobreza como estigma, contexto para o enunciado; de outro, como bênção, como valor. Temos, por um lado, o ensinamento colidindo com a base cultural estigmatizadora da pobreza, procurando negá-la; por outro, essa base estigmatizadora derrogando o ensinamento. Numa situação extrema, podemos aduzir, teríamos os pobres num processo de acumulação de poder político tornando-se ricos (os aiatolás). Em resumo, quando descrevemos um objeto do mundo que temos por real, o cotejo entre a descrição e esse objeto nos encaminha para o teste *verdade/falsidade*, quan-

do descrevemos o que é próprio ao mundo ideológico, especificamente humano, nossa descrição, nascida de outras descrições, reflete-se sobre elas, podendo refutá-las e transformá-las, ou ser por elas refutadas e transformadas.

Em todos os campos manifesta-se nossa falibilidade cognoscente. As construções humanas estão sempre defasadas, quer em relação ao objetivamente dado, que só conhecemos através de nossa miopia, quer em relação aos prognósticos sociais sustentados a partir de consenso ou de poder unilateral. Em sua dinâmica, promovendo bases para a sobrevivência, a história humana seria uma sucessão de **falácias férteis** (alienação) – como o foi, para o autor, o dito socialismo real, como o é, dizemos nós, o atual ideário ‘midiático’ do neoliberalismo. Nesse ponto, estão acordes Marx o filósofo, Popper e Soros. Para o liberalismo clássico, lembremos, eram verdades inquestionáveis: a) a atividade econômica tinha por móvel o interesse individual (daqui se extrai hoje o princípio básico do neoliberalismo); b) o mecanismo da concorrência, como uma força gravitacional, promoveria o equilíbrio entre oferta e procura (entre o individual e o social); c) o mínimo de interferência estatal era condição necessária a que as forças do mercado promovessem o equilíbrio econômico, social; e d) esse sistema, para funcionar, deveria ser generalizado, estendido a todo o mundo (raiz da globalização?). Todos os enunciados estiveram e estão abertos à interpretação num contexto naturalmente bélico. Vence, provisoriamente, a interpretação do mais for-

te. Tenha-se em mente que no século XVIII o conceito de empresa envolvia algo pequeno, não indo além do mercado nacional. Na lei da oferta e da procura, tinha-se como pressuposto uma população com renda bem distribuída. Hoje temos os megaconglomerados transnacionais, a população polarizada entre ricos e pobres, numa relação de um para dois milhões.

A necessidade da sociedade aberta

A inerente falibilidade de nosso instrumental cognoscente legitimaria a aversão a todo e qualquer determinismo, a todo absolutismo, a todo autoritarismo. Tudo que passa pelo nosso pensamento sofre de imperfeição estrutural. Especificamente no campo social, reconhece-se a impossibilidade de irmos a constituir sociedades perfeitas, o que, para o autor, paradoxalmente tem seu lado positivo, já que, além de esse fato instaurar e legitimar a aprendizagem, leva-nos a concluir que aquilo que é inerentemente imperfeito torna-se passível de eterno aperfeiçoamento. A sociedade aberta seria a que se reconhece imperfeita através da maioria de seus cidadãos e governo, portanto aberta a contínuo aperfeiçoamento. A essa sociedade aberta, no início do livro o autor opõe a *sociedade fechada*, orientada por dogmas, mitos, preconceitos promovidos pelo poder ditatorial (superioridade racial, posse absoluta da verdade construída/revelada), mitos coercitivamente impostos que impedem seus participantes de formarem uma configuração dife-

rente da que lhes é imposta. Ser social, eminentemente prático, é fundamental para o homem a existência de nexos, correspondência entre o pensamento e a ambiência. Pois é a falta desse nexos, condição própria às ditaduras, que hoje ameaça o capitalismo.

Retornando à construção do conceito de *open society*, no âmbito das atuais sociedades, o cotejo pensamento/realidade criaria três condições notáveis: a de *quase equilíbrio*, a de *desequilíbrio estático*, e a de *desequilíbrio dinâmico*. Na condição de *quase equilíbrio*, não obstante a falibilidade de nosso instrumental cognoscente, a articulação, no âmbito de uma sociedade, da função cognitiva com a participativa (participação política dos agentes sociais), impediria a existência de um grande descompasso entre pensamento e realidade. Livres para pensar e para interagir com o mundo e com seus semelhantes, os homens aprenderiam a partir de sua experiência, instaurando um processo autocorretivo em todas as dimensões sociais. Por erros e acertos, os agentes sociais iriam e, de fato, vão corrigindo seu esboço da realidade. É, em resumo, o que ocorreria numa sociedade aberta, pelo menos para um bom número de pessoas.

Na condição de *desequilíbrio estático*, própria a sociedades sob governos ditatoriais, ficam prejudicadas as funções cognitiva e participativa dos agentes sociais. Há um grande descompasso entre pensamento e realidade, dadas a coerção e a interferência dos dogmas e mitos patrocinados pelo poder, geralmente com a exclusão de qualquer outro tipo de visão. É condição

própria às sociedades fechadas naquela fase em que ainda não sofrem contestação.

Na condição de *desequilíbrio dinâmico*, os eventos a exigirem a compreensão dos agentes sociais ocorrem tão rapidamente que esses, não obstante exerçam a função participativa, não conseguem entender a transiente realidade a seus pés. Ilustraria essa condição os momentos pré-revolucionários, como o que precedeu a desagregação da ex-União Soviética.

Em coerência com as proposições básicas do autor, esse esquema, por ele elaborado e testado em décadas de atuação política e profissional nas esferas das finanças, é suscetível de abrigar falhas, imperfeições. A aceitação da sua própria falibilidade, juntamente com as correções propostas a seu esquema, a toda hora nos trazem indicações de que o autor tenta transcender os marcos esquerda/direita, propondo balizas, bóias luminosas, a uma práxis política que embora não proponha a superação do capitalismo, pelo menos o torna ‘palatável’, algo inacabado, em transformação, por óbvio, para algo melhor.

Participando ativamente do processo de desagregação da União Soviética, onde põe suas idéias à prova, o autor enfrentará as primeiras limitações do seu esquema conceptual. *Aopen society* não se opõe, como pensou que se opunha, à sociedade fechada, num esquema simplista “mundo livre ocidental capitalista” versus União Soviética e seus satélites comunistas escravizados/escravizadores. O capitalismo, muito menos seus epígonos neoliberalistas, não instaura a sociedade

aberta, a liberdade, a democracia. Essa é a corajosa autocrítica que faz o autor. Antes que em oposição a uma sociedade fechada, a *aopen society* ficaria num terreno intermediário, entre aquela sob indisfarçada ditadura e... o caos, como se viu e se vê em Serra Leoa, na Somália, na Rússia... Infelizmente, o livro não dá conta da ação política do autor após as correções em seu esquema conceptual. Cabe-nos perguntar se e quando vai o autor atuar no sentido de instaurar sociedades abertas na África, no Afeganistão, ou mesmo nos Estados Unidos? Da sua participação no processo de desagregação da ex-União Soviética, faz circunstanciado relato. Em que pé anda sua atuação no Haiti? Na Colômbia? E que nos diz dos ‘paraísos fiscais’, base de sustentação de seus Fundos?

Para Soros, o capitalismo da globalização já entrou na fase de *desequilíbrio dinâmico*. Alimentando a crise atual estaria a celeridade de acontecimentos de dimensão global, frente à generalizada incapacidade de os agentes sociais nacionais interagirem com essa realidade – um descompasso entre suas funções cognitiva e participativa. Do ponto de vista político, todo o instrumental teórico do mundo atual virou ficção, guarda nexos com o mundo mágico das fadas. O fundamentalismo de mercado dinamiza a produção econômica num quadro de sustentação não ancorado na realidade. Assim, nas democracias de sufrágio universal, o voto não elege o representante do cidadão, mas o da grande empresa, o do latifúndio, o do cotista do capital errático (geralmente a mesma entidade ou grupo), indo esses

representantes legislar em benefício exclusivo de seus patronos. As mais importantes questões da existência das pessoas são resolvidas por meia dúzia de entidades supranacionais, sem que de ninguém, excetuando-se o empresário, o latifundiário e o cotista, elas tenham recebido essa prerrogativa. Note-se que o conceito de Humanidade implica a posse do Planeta por essa mesma Humanidade, necessariamente diacrônica, multicultural, multi-étnica. Na medida em que o Planeta tem dono, e o tem mesmo – as 400 famílias beneficiárias das políticas neoliberais – o conceito de Humanidade está extinto. Voltando à questão da representação política, estão ‘reenterradas’ as teorias constitucionalistas de base contratualista. O representado, o Zé-Povinho, com seu voto, dá ao representante parte de um poder que não tem... Este representante, que já tinha o poder, legitima-o por via desta ficção. E são essas democracias que impõem ou são coniventes com o embargo norte-americano a Cuba, ao Iraque.

Segundo a visão de Soros, em sua presente configuração o capitalismo global seria um “império abstrato”, herdeiro direto da tradição colonial escravagista. Império abstrato com força inercial, mas sem estrutura formal. De um modo geral, há um centro e uma periferia com funções hierarquizadas e antitéticas. Ao centro, cabe o cetro imperial que o confirma como o ‘provedor’ que vive do butim à periferia. A esse centro, cabe ao mesmo tempo subordinar e produzir a ideologia da subordinação; cabe degradar o trabalho e induzir-nos ao trabalho. Enfim, ao

centro cabe prover capitais; à periferia, remunerá-los.

É pueril, senão macabra, essa base ideológica de nível do senso comum que sustenta o capitalismo do neoliberalismo. Urdida de mitos, dogmas, preconceitos, essa base ideológica aceita a ação da mão invisível na condução dos eventos mundiais, leva seus aderentes a escolhas bifurcadas – ou isso ou aquilo: não ao estatismo, sim às privatizações; não ao Estado-nação, sim ao nada. Nos últimos dez anos, a versão asiática de capitalismo – os tais Tigres – foi apresentada pelos corifeus do neoliberalismo caboclo como modelo. Antes que produto das teses do neoliberalismo, o crescimento econômico desses Tigres se deveu à emulação entre as potências capitalistas pelo domínio de um mercado de 3 bilhões de consumidores. O autor nos dá elementos para que enxerguemos além das aparências: elites exógenas enguetizadas (chineses, indianos, ocidentais) à dominância de populações cultural e etnicamente diversas. Domínio do Estado-nação e das estruturas de governo a partir do critério de hegemonia étnica ou religiosa exógenas. Organização da estrutura econômica a partir de grandes famílias transnacionais. Sociedades de capital aberto fictícias. Pouca distinção entre as empresas e as Máfias. Corrupção desenfreada como elemento provedor de nexo estrutural. No nível conjuntural, fragilidade nos esquemas mantenedores da equivalência das moedas locais com o dólar. Nesse quadro, o sistema bancário endividava-se no mercado internacional para transferir dinheiro barato às empresas do

respectivo grupo étnico e econômico. Por óbvio, o dinheiro não era aplicado em setores produtivos da economia real. Um contexto promotor da especulação, com o mecanismo dos altos juros, era então acionado para atrair novos capitais (erráticos). Na Ásia como um todo, escreve o autor, os títulos impagáveis na rede bancária somaram 2 trilhões de dólares. No mercado de ações de cada uma dessas economias, a imensa distância entre os ativos das empresas, a estrutura econômica real, e o valor de suas ações, ou seja, empresas fictícias, virtuais com ações supervalorizadas. O fim desse quadro de ficção estaria nas mãos daquele que unilateralmente primeiro vendesse as suas ‘pro-

missórias’. O pior é que graças à unipolaridade, ao neoliberalismo e à globalização, a dívida dos Tigres asiáticos (e da Rússia) foi rateada entre nós e está sendo paga por todos nós, a maior cota naturalmente para os ‘emergentes’.

Em *The crisis of global capitalism*, Soros mostra que desempenha duas diferentes ordens de papéis: o de executivo no controle de seus fundos de investimento e entidades filantrópicas, e o de pensador e ideólogo que propõe alternativas ao capitalismo global. Para nós, é um projeto existencial contraditório, mais um exemplo de construção humana imperfeita, falível. Ou melhor, mais um exemplo do que o autor chama de uma ‘falácia fértil’.

Ailton Benedito de Sousa